

Paula Costa

Imigração em Portugal: tendências recentes

Os imigrantes guineenses, ucranianos e brasileiros no mercado de trabalho português

“A palavra imigração, é bom lembrá-lo, não é uma palavra neutra e fria, é uma realidade que encerra pessoas, muito concretas, com as suas vidas, alegrias, esperanças e desejos. É uma realidade viva, em movimento contínuo que não se deixa fixar nem parar. É um puzzle humano colorido, de inumeráveis cores, línguas, sabores, tradições, culturas e religiões”.

Pinto, 2004

Resumo:

Os dados estatísticos de 2007 do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) sobre a população estrangeira residente em Portugal demonstram, além do número crescente de imigrantes ter vindo a assumir uma importância significativa, nos últimos anos, também, as novas proveniências dos imigrantes, (principalmente, da Europa de Leste) marcaram a composição dos estrangeiros assim como, a intensificação dos imigrantes brasileiros. O número de estrangeiros tem crescido, de forma sustentada, desde 1986 até 2007, a uma taxa média anual de 8,8%.

Com base nos dados de um inquérito elaborado em 2007, aos imigrantes brasileiros, ucranianos e guineenses, a residir em Portugal, constata-se que os imigrantes ocupam, no mercado de trabalho portu-

guês, o grupo das profissões mais desfavorecidas económica e socialmente, ou seja, as profissões com piores condições, pior remuneradas e com menor possibilidade de progressão profissional.

Palavras-chave: Imigração, mercado de trabalho

Abstract:

The statistical data related to the Office of Foreigners and Borders (SEF) from 2007, concerning the foreign population residing in Portugal show, due to the growing number of immigrants have come to assume a significant importance in recent years, also, new sources of immigrants (mainly from Eastern Europe) marked the composition of foreign as well as the intensification of Brazilian immigrants. The number of foreigners has grown, sustainably, since 1986 until 2007 at an average annual rate of 8.8%.

Based on a survey made in 2007 to immigrants from Brazil, Ukraine and Guinea, living in Portugal, it appears that immigrants play, in the Portuguese labour market, the group of professions most economically and socially disadvantaged, that is the one having worse conditions, lower incomes and less possibility of career advancement.

Keywords: Immigration, Labour Market

1. Uma análise das estatísticas sobre a população estrangeira em Portugal, em 2007: notas breves

Portugal, durante séculos, foi um país de emigração, a sua diáspora é bem conhecida. Diferentes continentes e diferentes países têm marcas desse movimento. Há poucos anos, Portugal começa, também, a ficar conhecido, para alguns, como país de imigração e, para outros, como país com imigração. "...é bastante claro que Portugal se tornou hoje num país de imigração significativa..." (Castles, 2005).

Se houve alturas que de Portugal partiam naus e caravelas com população portuguesa para povoar outros países, agora elas regressam, mais sofisticadas, ou não, mas trazem de igual forma pessoas com os mesmos desejos, os de melhorar as suas vidas. E, talvez, “Portugal um jardim à beira-mar plantado” os consiga concretizar.

Actualmente, coexistem os dois fluxos nos movimentos migratórios, ou seja, portugueses que continuam a sair para trabalhar noutros países, a par de estrangeiros que, para o fazer, entram em Portugal. Esta simultaneidade coloca Portugal numa posição de relevo à escala da União Europeia: ser ao mesmo tempo receptor e emissor de migrantes. Utilizando a linguagem dos Regimes Migratórios, Portugal encontra-se num Regime Misto (Peixoto, 2004).

Portugal como Espanha, Itália e Grécia tiveram uma transição de países de emigração para países de imigração, onde os fluxos imigratórios ganharam grande expressividade. Mas, apesar de Portugal ser um país receptor de fluxos migratórios é o único onde a emigração continua a ter grande expressividade.

Desde a entrada na União Europeia que Portugal se encontra numa fase em que pretende reduzir a enorme carência de infra-estruturas, havendo, assim, um crescimento das obras públicas e da construção civil. Assiste-se, também, a um desenvolvimento das actividades de serviços, à expansão da economia informal (que criou oportunidades de emprego para profissões não qualificadas, havendo uma resistência dos portugueses em aceitar estes empregos) e à expansão do consumo (difusão das cadeias de supermercados e centros comerciais) que contribuíram para reforçar o processo de recrutamento de trabalhadores estrangeiros. Estes vêm, muitas vezes, preencher as lacunas de mão-de-obra, em certas actividades, em Portugal, que se agravaram devido ao envelhecimento da população e à contínua emigração. Estes factores, aliados à falta de experiência das autoridades nacionais na regulação da imigração, às oportunidades sempre dadas através de campanhas de regularização extraordinária aos imigrantes ilegais, incluíram Portugal na lista dos imigrantes potenciais e dos “engajadores internacionais”.

As alterações no quadro económico nacional e o reposicionamento do país, na economia internacional, a terciarização, a entrada na União Europeia e o período desenvolvimentista que o país percorreu, resultaram em novos cenários de enquadramento da mobilidade espacial da

população. Estes traduziram-se, entre outros, em mudanças quantitativas e qualitativas dos fluxos migratórios de e para Portugal (Fernandes; Tomás; Cravidão, 2002).

A população estrangeira residente em Portugal tem vindo a aumentar de forma sustentada, atingindo, em 2007, o valor de 435736 imigrantes o que representa 4,1% da população total. Apesar desta percentagem ser baixa, quando comparada com outros países, nomeadamente, a França e a Alemanha, onde o valor equivalente ultrapassa os 7%, é um fenómeno com um forte impacto demográfico, económico, social e espacial. Por isso, “em termos numéricos, a imigração deixou de ser um fenómeno residual, constituindo hoje um fenómeno populacional com crescente impacto na sociedade portuguesa” (Garcia, 2000).

Fazendo uma análise dos dados do SEF, da composição dos imigrantes em 2007, em Portugal, constata-se que:

- As nacionalidades estrangeiras com maior destaque reportam-se aos nacionais de Brasil, Cabo Verde, Ucrânia, Angola e Guiné-Bissau, as quais, na sua totalidade, representavam cerca de 52% da população estrangeira com permanência regular em território nacional;
- Da análise das principais nacionalidades que solicitaram título de residência no ano de 2007, foi a brasileira com maior número de pedidos, seguida da romena ucraniana e moldava;
- Quanto à distribuição espacial da população estrangeira, verifica-se que esta se concentrou, predominantemente, no litoral do país, com destaque para os distritos de Lisboa, Faro, Setúbal e Porto. No entanto, verificou-se a continuidade, desde 2000, de um novo padrão de distribuição espacial, que favorece áreas noutros distritos que, até então, detinham um reduzido número de estrangeiros (figura 1).

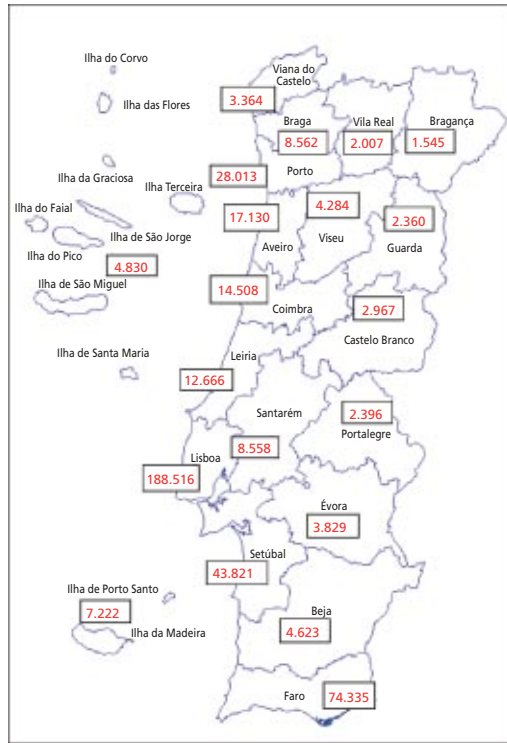


FIGURA 1: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA POPULAÇÃO ESTRANGEIRA, 2007

FONTE: SEF, 2007

Além do número crescente de imigrantes ter vindo a assumir uma importância significativa, nos últimos anos, também, as novas proveniências dos imigrantes, (principalmente, da Europa de Leste) marcaram a composição dos estrangeiros, assim como, a intensificação dos imigrantes brasileiros, chamada "Fase da Globalização" (Pires, 2006).

Segundo os dados do SEF, em 2007, a comunidade ucraniana foi a terceira mais representativa em Portugal, com 9,1% do total de estrangeiros, o que representava cerca de 39480 ucranianos residentes, legalmente, em Portugal.

No que se refere aos imigrantes brasileiros, este fluxo representa tanto uma continuidade com padrões mais antigos, como uma novidade. Ele pode ser visto como lusófono, ou seja, oriundos das ex-colônias ou pode ser, também, colocado ao lado das novas migrações para Portugal, juntamente com as migrações da Europa de Leste. À semelhança deste novo fluxo, a migração dos brasileiros para Portugal revela uma intensidade e uma vitalidade que faz dela uma novidade (Machado, 2006).

Em 2007, a comunidade brasileira era a primeira mais representativa em Portugal, com 15,2% do total de estrangeiros, o que representava cerca de 66354 brasileiros residentes, legalmente, em Portugal. Pela primeira vez, desde que o SEF possui registo de dados sobre a população estrangeira em Portugal, a comunidade brasileira passa a ser a mais representativa, ultrapassando a cabo-verdiana.

Relativamente à comunidade guineense, verifica-se que tem vindo a aumentar ao longo dos anos, em 2007 apresentava um valor de 23733 imigrantes o que representava 5,9% do total de estrangeiros. Esta comunidade veio para Portugal por motivos económicos adquiriu expressão no início dos anos 80 e tem vindo a reforçar-se lenta mas continuamente, principalmente, a partir de 1998, devido à convulsão política.

Tendo em conta os dados analisados, é inegável que Portugal também se transformou num país de imigração, apesar de ser um dos países da União Europeia com menor proporção de imigrantes, na população residente total. Assim, Portugal é hoje um país de partida e um país de chegada.

“Portugal foi sempre um cais de partida para todo o mundo
hoje é também um porto de abrigo.”

Leitão, 2001

2. Os imigrantes brasileiros, ucranianos e guineenses no mercado de trabalho português: estudo exploratório

Para se estudar a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho português, procedeu-se ao tratamento preliminar dos dados de um

inquérito realizado pela Associação de Solidariedade Internacional (ASI), em 2007. Este inquérito foi realizado em Portugal e foi dirigido apenas aos imigrantes brasileiros, ucranianos e guineenses no total de 591 imigrantes (figura 2).

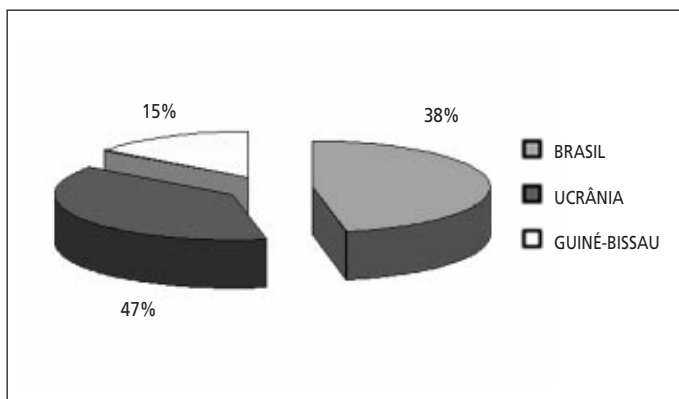


FIGURA 2: DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR NACIONALIDADE

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

A escolha destas nacionalidades resultou, segundo a ASI, do facto de apresentarem diferenças significativas no processo migratório e serem comunidades com grande quantitativo em Portugal.

A distribuição geográfica dos imigrantes em Portugal está relacionada com o nível de desenvolvimento urbano e económico das regiões portuguesas. As oportunidades de trabalho e de negócios existentes nas áreas urbanas têm exercido, desde longa data, um enorme atractivo sobre as populações migrantes, determinando, em grande medida, assim, a sua localização. É nas grandes cidades que as pessoas, de diferentes passados e origens geográficas, sociais, culturais e económicas, se juntam formando um complexo de interacções (White, 2002, Baganha, 1997).

A concentração geográfica dos inquiridos foi estratificada a partir das NUTs II mais representativas a nível nacional em termos do número de imigrantes que nelas residiam.

NUTS II	Frequência	Percentagem
Norte	224	38%
Centro	28	4,8%
Lvtj	240	40,7%
Alentejo	31	5,3%
Algarve	68	11,5%
TOTAL	591	100%

QUADRO 1: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Como pode observar-se no quadro 1, existe uma tendência da população inquirida para se concentrar na Região de Lisboa e Vale do Tejo (40,7%) logo seguida da Região Norte (38%). Continua a ser a Região do Centro a menos procurada pelos imigrantes (4,8%). Esta distribuição responde às necessidades de mão-de-obra sentidas nestas regiões. Estes dados são semelhantes aos apresentados no Relatório de Actividades de 2007, pelo SEF. Neste relatório é referido que a população estrangeira concentra-se, predominantemente, no litoral do país, destacando-se os distritos de Lisboa, Faro, Setúbal e Porto.

A anterior distribuição geográfica justifica-se pelo facto de Lisboa ser a capital do país, é o centro económico dominante, onde os serviços públicos e actividades de construção registam o maior aumento durante os anos 80 e 90, reflectindo um forte dinamismo gerado pelos agentes públicos e privados (Fonseca, 2001). Além disso, as áreas metropolitanas do Porto e de Lisboa apresentam actividades económicas e equipamentos sociais, por vezes, de nível hierárquico elevado, nomeadamente, na saúde e no ensino. Relativamente ao distrito de Faro, justifica-se esta elevada concentração da população estrangeira devido ao crescente peso da actividade turística, que gera emprego. Trata-se de uma região em expansão, onde actividades como a construção civil e tarefas domésticas têm uma constante necessidade de mão-de-obra. No entanto, apresenta uma base económica pouco diversificada e sujeita a forte sazonalidade, com consequências ao nível do emprego.

NACIONALIDADE	NUTS II					TOTAL
	Norte	Centro	LVTJ	Alentejo	Algarve	
Brasil	89	8	104	3	22	226
	39,4%	3,5%	46,0%	1,3%	9,7%	100,0%
Ucrânia	106	12	82	27	46	273
	38,8%	4,4%	30,0%	9,9%	16,8%	100,0%
Guiné-Bissau	29	7	54	1	0	91
	31,9%	7,7%	59,3%	1,1%	0,0%	100,0%
TOTAL	224	27	240	31	68	590
	38,0%	4,6%	40,7%	5,3%	11,5%	100,0%

QUADRO 2: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA POR NACIONALIDADE

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Fazendo uma análise da distribuição geográfica por nacionalidades (quadro 2), verifica-se que os brasileiros apresentam uma progressiva concentração na Região de Lisboa e Vale do Tejo (46%). Assistindo-se assim a uma redução da percentagem destes imigrantes no Norte, quando comparado com anos anteriores, apontando para o decréscimo do efeito de contracorrente que levou muitos brasileiros de ascendência portuguesa para o Porto e regiões vizinhas, nos anos 80 e 90 mas, também, em anos anteriores.

A importância da concentração geográfica na Região de Lisboa e Vale do Tejo dos inquiridos brasileiros é um indicador indirecto de uma imigração mais laboral, uma vez que Lisboa é o mercado de trabalho mais dinâmico e diversificado do país, com características claramente urbanas (Baganha, 2007; Malheiros, 2005; Ferrão, 2002; Pires, 1993).

No que se refere aos inquiridos ucranianos verifica-se uma concentração maior na Região Norte (38,8%) logo seguida pela Região de Lisboa e Vale do Tejo (30%). É curioso verificar que é a comunidade com maior concentração de inquiridos na Região do Alentejo (9,9%).

A expansão da Agricultura Biológica em Portugal, especialmente devido aos subsídios ao rendimento, encorajou a emergência de novos operadores, sobretudo produtores, em particular, no Alentejo, Beira Interior e Trás-os-Montes. Esta expansão fez com que a procura de mão-de-obra aumentasse, principalmente, nas actividades de poda e colheita (Cristóvão *et al.*, 2002).

A maior dispersão geográfica dos imigrantes ucranianos está de acordo com as características dos fluxos internacionais de mão-de-obra

contemporânea, ligada a um contexto marcado por uma circulação de informação reforçado por um mercado de trabalho à escala mundial (Fonseca, Malheiros, 2003).

A comunidade guineense apresenta a maior taxa de concentração geográfica, com 59,3% na Região de Lisboa e vale do Tejo. A hiper-concentração nesta região é devido, ao facto de Lisboa ser a principal porta de entrada. Além de que o estabelecimento destas comunidades contribui para gerar redes que reforçam a concentração geográfica (Baganha *et al.*, 1998). Para além disso, são imigrantes que ocupam, principalmente, actividades na construção civil e serviços domésticos e de limpeza que estão mais concentrados nas áreas urbanas.

NATURALIDADE	Ano de entrada em Portugal por nacionalidade							TOTAL
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	
Brasil	34	77	44	21	17	28	5	226
	15,0%	34,1%	19,5%	9,3%	7,5%	12,4%	2,2%	100,0%
Ucrânia	32	115	56	40	14	17	0	274
	11,7%	42,0%	20,4%	14,6%	5,1%	6,2%	0%	100,0%
Guiné-Bissau	26	16	15	7	9	9	9	91
	28,6%	17,6%	16,5%	7,7%	9,9%	9,9%	9,9%	100,0%
TOTAL	92	208	115	68	40	54	14	591
	15,6%	35,2%	19,5%	11,5%	6,8%	9,1%	2,4	100,0%

QUADRO 3: ANO DE ENTRADA EM PORTUGAL

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Analisando os dados do quadro 3, verifica-se que foi o ano de 2001 que 35,2% dos inquiridos entraram em Portugal e 49,2% depois de 2001. Estes dados são bastante elucidativos, relativamente ao facto destes fluxos migratórios serem recentes, em Portugal. No entanto, verifica-se que o número de imigrantes tem vindo a diminuir de ano para ano após 2001.

Segundo os dados do SEF em 2001, foram concedidas 126901 autorizações de permanência e em 2002 174558, o que significa um aumento nunca antes registado de imigrantes em Portugal. O grande aumento das autorizações de permanência, em 2001, justifica-se pela aplicação do Decreto-Lei 4/2001 de 10 de Janeiro. Este Decreto-Lei alterou o Decreto-Lei 244/98 de 8 de Agosto, principalmente o artigo 55º,

permitindo assim legalizar todos os imigrantes que sejam titulares de propostas de contrato com informação da Inspeção Geral do Trabalho. Este acelerado crescimento de estrangeiros, em 2001, deve-se, por um lado, à regularização dos clandestinos e, por outro, a um incremento significativo do número de novas chegadas. No entanto, a legalização dos titulares de proposta de contrato de trabalho só foi possível até à aprovação do relatório anual das necessidades de mão-de-obra, em Portugal, previsto no artigo 36º do Decreto-Lei 4/2001. Este relatório surgiu em 30 de Novembro de 2001, determinando que só se dariam autorizações de permanência a trabalhadores cuja actividade profissional constasse na lista elaborada das necessidades de mão-de-obra. Assim, constata-se que, a partir desta data se tornou mais difícil obter autorização de permanência, daí a diminuição da taxa de crescimento.

Apesar da entrada em Portugal dos inquiridos ser muito recente, verifica-se, quando se cruzam as variáveis da nacionalidade com o ano de entrada do companheiro(a) do inquirido, que o fluxo migratório para Portugal dos guineenses é muito mais antigo. Quase metade dos companheiros dos guineenses inquiridos entraram em Portugal muito antes de 2000, enquanto nos brasileiros não entrou nenhum e nos ucranianos 7,2%. Este facto vem ressaltar o que muitos autores chamam a “segunda vaga” de imigrantes brasileiros em Portugal. Fluxo muito recente e com características, completamente, diferentes da “primeira vaga” associada às antigas ex-colónias (Malheiros, 2007; Peixoto, 2007; Machado, 2006; Oliveira, 2006; Soares, 2006; Padilla, 2005; Patarra, 2005; Vianna, 2001).

A análise da estrutura demográfica dos imigrantes permite captar algumas das suas características mais importantes. A distribuição dos inquiridos, por género, aponta para uma proximidade percentual, género feminino 53,2% e masculino com 46,5%. Assiste-se, assim, à “feminização dos fluxos migratórios”. Este fenómeno resulta não só do reagrupamento familiar, onde primeiro parte o homem para arranjar emprego e só depois a mulher, mas, principalmente, do crescente papel da mulher no mercado de trabalho. Este facto é confirmado pois 40,2% das mulheres inquiridas não têm cônjuge (solteiras/divorciadas/viúvas).

A feminização dos fluxos migratórios é um fenómeno global sendo um dos aspectos principais da migração actual (Ribas, Mateos, 2002).

Quanto à distribuição dos inquiridos por grupos etários, a primeira nota que transparece é a sobre-representação das idades adultas jovens, principalmente, dos 21 aos 40 anos que representa 77% do total. Apenas existe 1 inquirido, com 60 anos, facto que realça o carácter económico destes fluxos migratórios que é evidenciado quando 80% dos inquiridos respondem que migraram por razões económicas.

A escolaridade é um elemento essencial para a caracterização de uma população, tornando-se indispensável como factor explicativo, tanto para aspectos relacionados com actividade profissional, como para os de inserção social. É mais difícil a integração profissional e social dos imigrantes, com fraco nível de escolaridade, pois apresentam fracas experiências profissionais e sociais, o que não facilita possíveis processos de mobilidade profissional e social ascendentes.

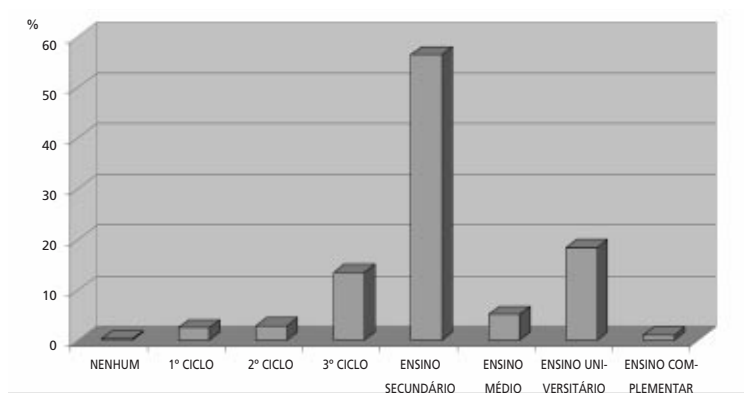


FIGURA 3: NÍVEL DE ESCOLARIDADE
FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Analisando o nível de escolaridade dos inquiridos (figura 3), constata-se uma maior taxa de imigrantes com o ensino secundário (56,4%), logo seguido pelo ensino universitário (18,3%). São os ucranianos que possuem maior percentagem de imigrantes (48,1%) com o ensino superior (licenciaturas em engenharia, economia, medicina veterinária, entre outras), logo depois vêm os brasileiros (42,6%) e os guineenses (9,3%).

2.1. Trajectórias profissionais e inserção no mercado de trabalho – condição perante o trabalho

A visibilidade social que a questão imigratória adquiriu, principalmente no novo milénio, começa a merecer uma especial atenção nos estudos das mais diversas entidades. Ela resulta do grande contingente de imigrantes, no mercado de trabalho português, sobretudo de origem brasileira e da Europa de Leste. Esta mão-de-obra tem alimentado os sectores de actividade fortemente consumidores de mão-de-obra pouco qualificada, destacando-se para a construção civil, obras públicas e serviços de limpeza.

O inquérito realizado pela ASI aos imigrantes incorporou um conjunto de questões relativas à condição perante a actividade económica, à profissão, ao regime de trabalho, ao acesso ao emprego, entre outros, que permitem traçar o diagnóstico do perfil de integração, no mercado de trabalho português e, assim, aprofundar o conhecimento das características da comunidade de imigrantes, nas diversas formas que reveste a sua presença, em Portugal.

- Situação laboral no país de origem

Feita uma análise da situação dos inquiridos, face ao emprego no país de origem, verifica-se que 38,4% estavam desempregados (quadro 4).

NACIONALIDADE	Masculino		Feminino		Geral		
	%	Desempregados	%	Desempregados	%	Desempregados	Total
Brasil	24	24	25,5	28	24,8	52	210
Ucrânia	45,9	51	56	89	51,9	140	270
Guiné-Bissau	34,8	16	17,9	5	28,4	21	74
TOTAL	35,4	91	41,1	122	38,4	213	554

QUADRO 4: DESEMPREGO NO PAÍS DE ORIGEM
FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

O desemprego é mais elevado no género feminino com 41,1% atingindo os 35,4% no género masculino. Mais de metade das ucranianas (51,9%) estavam desempregadas, antes de virem para Portugal. As brasileiras apresentavam menor taxa de desemprego com 24,8%, enquanto que as guineenses o valor era de 28,4%.

SECTOR DE ACTIVIDADE NO PAÍS DE ORIGEM	NACIONALIDADE			TOTAL
	Brasil	Ucrânia	Guiné-Bissau	
Agricultura, pescas ou extracção mineira	1	21	1	23
	0,5%	8,0%	1,4%	4,2%
Indústrias transformadoras	17	43	7	67
	8,2%	16,3%	9,5%	12,3%
Água, gás ou electricidade	0	1	0	1
	0,0%	0,4%	0,0%	0,2%
Construção	11	23	9	43
	5,3%	8,7%	12,2%	7,9%
Comércio e serviços	154	136	43	333
	74,0%	51,5%	58,1%	61,0%
Restauração e hotelaria	14	11	5	30
	6,7%	4,2%	6,8%	5,5%
Transportes e comunicações	10	26	5	41
	4,8%	9,8%	6,8%	7,5%
Outro sector	1	3	4	8
	0,5%	1,1%	5,4%	1,5%
TOTAL	208	264	74	546
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 5: SECTOR DE ACTIVIDADE NO PAÍS DE ORIGEM

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Fazendo uma análise da distribuição dos inquiridos pelos sectores de actividade, segundo a profissão que exerciam no seu país de origem (quadro 5), antes de virem para Portugal, verificam-se diferenças significativas. A tendência geral diz-nos que mais de metade dos inquiridos, nas três nacionalidades, trabalhavam no sector do Comércio e Serviços, atingindo 74% no caso dos brasileiros. Logo a seguir, surge o sector da Indústria Transformadora com o valor de 12,3% onde os ucranianos têm maior representatividade. Os ucranianos também apresentam uma maior concentração de activos na Agricultura, Pesca ou Extracção Mineira (8%), comparativamente às outras nacionalidades. Já os guineenses apresentam uma maior concentração de activos no sector da Construção com o valor de 12,2%.

Depois de analisar o sector de actividade a que pertenciam os imigrantes no seu país de origem, é também importante conhecer as profissões que desempenhavam segundo a Classificação Nacional das Profissões (quadro 6).

PROFISSÕES NO PAÍS DE ORIGEM	NATURALIDADE			TOTAL
	Brasil	Ucrânia	Guiné-Bissau	
Dirigentes	3	4	0	7
	1,3%	1,5%	0,0%	1,2%
Especialistas de profissões	21	61	9	91
	9,3%	22,3%	9,9%	15,4%
Técnicos nível intermédio	28	41	3	72
	12,4%	15,0%	3,3%	12,2%
Pessoal administrativo e similares	31	3	16	50
	13,7%	1,1%	17,6%	8,5%
Pessoal dos serviços e vendedores	64	40	16	120
	28,3%	14,7%	17,6%	20,3%
Trabalhadores qualificados agricultura e pescas	0	3	1	4
	0,0%	1,1%	1,1%	0,7%
Operários e artífices	22	56	9	87
	9,7%	20,5%	9,9%	14,7%
Operadores de instalações, máquinas e montagem	4	31	3	38
	1,8%	11,4%	3,3%	6,4%
Trabalhadores não qualificados	16	20	7	43
	7,1%	7,3%	7,7%	7,3%
Empresários	19	4	6	29
	8,4%	1,5%	6,6%	4,9%
Militares	0	1	4	5
	0,0%	0,4%	4,4%	0,8%
TOTAL	226	273	91	590
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 6: PROFISSÕES NO PAÍS DE ORIGEM

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

O quadro 6 demonstra que 20,3% dos inquiridos pertenciam ao grupo do Pessoal dos Serviços e Vendedores, do grupo de Especialistas de Profissões com 15,4%.

Os brasileiros destacam-se pela grande quantidade de trabalhadores no grupo do Pessoal de Serviços e Vendedores (28,3%) logo seguido pelo grupo de Pessoal Administrativo e Similares (13,7%). É curioso verificar que nenhum brasileiro pertencia ao grupo de Trabalhadores Qualificados na Agricultura ou Pesca nem ao grupo Militar.

Relativamente aos ucranianos, nota-se uma concentração de trabalhadores no grupo de Especialistas de Profissões (22,3%) logo seguidos pelo grupo Operários e Artífices (20,5%).

Os guineenses destacam-se nos grupos de Pessoal Administrativo e Similares e Pessoal dos Serviços e Vendedores com 17,6%, em ambos. Esta nacionalidade é a única que não apresenta nenhum trabalhador no grupo dos Dirigentes.

Os trabalhadores não qualificados, em ambas as nacionalidades, apresentam valores muito próximos de 7%, sendo maior na comunidade guineense com 7,7%.

- Situação laboral no país de destino

Conhecer alguns aspectos profissionais dos inquiridos, no país de origem, é importante para compreender a sua situação no mercado de trabalho português. Mas não menos importante é, também, conhecer a situação laboral do imigrante à entrada de Portugal. Assim, foi-lhes questionado se antes de virem para Portugal já tinham emprego garantido.

NACIONALIDADE	Já tinha encontrada emprego em Portugal antes de vir		Total
	Não	Sim	Não
Brasil	188	38	226
	83,2%	16,8%	100,0%
Ucrânia	249	25	274
	90,9%	9,1%	100,0%
Guiné-Bissau	71	20	91
	78,0%	22,0%	100,0%
TOTAL	508	83	591
	86,0%	14,0%	100,0%

QUADRO 7: EMPREGO EM PORTUGAL ANTES DA CHEGADA

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Pelos dados do quadro 7 pode constatar-se que apenas 14% dos inquiridos tinham emprego garantido antes de virem para Portugal. Feita uma análise por nacionalidades, verifica-se que quase 1/4 dos guineenses, antes de virem para Portugal, já tinham emprego garantido. Este facto pode ser explicado por possuírem uma rede social, em Portugal, mais alargada e baseada em membros da família directa (avós, irmãos, pais, filhos). Esta rede social transmite informação do país de destino, reduzindo o nível de incertezas do risco, serve de apoio aos

futuros imigrantes, reduz os riscos e os custos de migrar e ajuda a encontrar emprego (Massey, 1992; Caces, 1990; Taylor, 1986; Gurak, citado por: Fischer, 1997). Este facto é confirmado quando se cruza nacionalidade com a existência de família em Portugal antes de emigrar, verificando-se que 27,8% dos guineenses inquiridos têm familiares directos a residirem em Portugal, projecto migratório familiar.

A população inquirida apresenta uma taxa de actividade elevada, tal como seria previsível, dado tratar-se, maioritariamente, de migrantes económicos: 95,3% são activos com profissão, percentagem que diminui para 93,6%, no caso do sexo feminino. Assim, a percentagem de desempregados é baixa, atingindo o valor de 4,7%.

O desemprego é maior nos imigrantes com níveis de escolaridade mais altos. Os que apresentam o ensino secundário e o ensino universitário têm uma percentagem de desemprego de 64,3% e 17,9%, respectivamente. Já os imigrantes com ensino inferior ao secundário esse valor atinge 14,3%.

O desemprego atinge, predominantemente, o sexo feminino, com 6,4% e o grupo etário dos mais velhos (dos 51 anos aos 60), estando-se, assim, na presença de um desemprego concentrado, no sexo feminino e nas idades mais avançadas. À medida que a idade avança, maior é o número de desempregados.

A maior percentagem de desemprego, no sexo feminino, permite concluir que a entrada da mulher, no mercado de trabalho português, é mais difícil do que a do homem, mesmo com nível de escolaridade superior. Esta dificuldade pode estar relacionada com a entrada, mais tardia, em Portugal mas, também, porque possui maiores expectativas de arranjar melhor emprego face ao seu nível de escolaridade o que dificulta a sua inserção no mercado de trabalho. A taxa de desemprego é maior nas imigrantes ucranianas, devido às dificuldades de comunicação verbal. É de salientar que, muitas vezes, o desemprego é fictício pois inúmeras trabalhadoras trabalham no mercado informal, principalmente, como empregadas domésticas.

SECTOR DE ACTIVIDADE EM PORTUGAL	NACIONALIDADE			TOTAL
	Brasil	Ucrânia	Guiné-Bissau	
Agricultura, pescas ou extracção mineira	1	6	0	7
	0,6%	3,1%	0,0%	1,7%
Indústrias transformadoras	4	28	1	33
	2,4%	14,6%	2,3%	8,2%
Água, gás ou electricidade	0	0	0	0
	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Construção	25	64	23	112
	14,8%	33,3%	53,5%	27,7%
Comércio e serviços	73	57	13	143
	43,2%	29,7%	30,2%	35,4%
Restauração e hotelaria	66	33	6	105
	39,1%	17,2%	14,0%	26,0%
Transportes e comunicações	0	1	0	1
	0,0%	0,5%	0,0%	0,2%
Outro sector	0	3	0	3
	0,0%	1,6%	0,0%	0,7%
TOTAL	169	192	43	404
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 8: SECTOR DE ACTIVIDADE NO PAÍS DE DESTINO

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Fazendo uma análise da distribuição dos inquiridos pelos sectores de actividade segundo a profissão em Portugal (quadro 8), verificam-se diferenças significativas. No país de origem, a tendência era mais de metade dos imigrantes, nas três nacionalidades, trabalharem no sector do Comércio e Serviços. Com a entrada no mercado de trabalho português, esse valor diminuiu muito, principalmente nos brasileiros que passou de 74% para 43,2%. No entanto, continua a ser o sector onde existe maior percentagem de activos 35,4% logo seguido pelo sector da Construção 27,7% e do sector da Restauração e Hotelaria 26%.

São os ucranianos que apresentam uma maior concentração de activos na construção (33,3%) o que representa mais do dobro, face ao país de origem. Esta comunidade destaca-se no sector da Agricultura, Pescas ou Extracção Mineira, assim como no da Indústria Transformadora.

Os guineenses têm maior quantitativo de trabalhadores na construção (53,5%) o que representa um aumento de 41,2%, face ao país de origem.

Já na comunidade brasileira verifica-se uma maior percentagem de imigrantes a trabalhar no sector do Comércio e Serviços (43,2%) logo seguido pelo sector da Restauração e Hotelaria (39,1%).

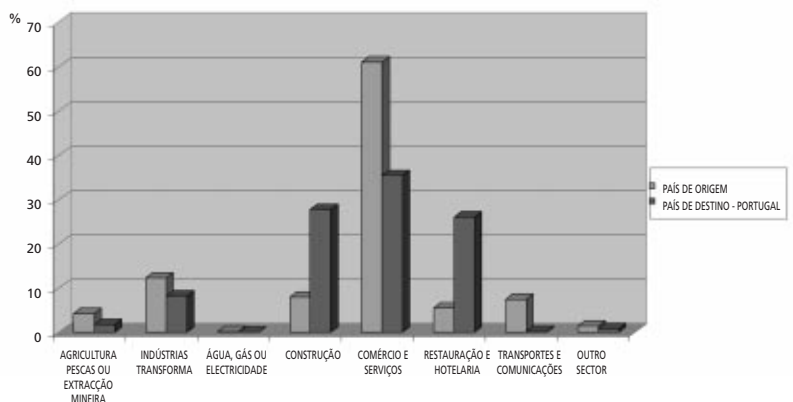


FIGURA 4: POPULAÇÃO ACTIVA POR SECTORES DE ACTIVIDADE

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Feita uma análise comparativa da população activa por sectores de actividade no país de origem e no de destino (figura 4), verifica-se que a entrada dos inquiridos no mercado de trabalho português provocou um aumento da população activa no sector da Construção e no sector da Restauração e Hotelaria enquanto que em todos os outros sectores assistiu-se a uma diminuição.

PROFISSÕES EM PORTUGAL	NACIONALIDADE			TOTAL
	Brasil	Ucrânia	Guiné-Bissau	
Dirigentes	0	0	0	0
	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Especialistas de profissões	5	1	2	8
	2,9%	0,5%	4,8%	2,0%
Técnicos nível intermédio	7	0	1	8
	4,1%	0,0%	2,4%	2,0%
Pessoal administrativo e similares	8	2	1	11
	4,7%	1,1%	2,4%	2,7%
Pessoal dos serviços e vendedores	81	22	3	106
	47,6%	11,6%	7,1%	26,4%
Trabalhadores qualificados agricultura e pescas	0	1	0	1
	0,0%	0,5%	0,0%	0,2%
Operários e artífices	15	31	5	51
	8,8%	16,4%	11,9%	12,7%
Operadores de instalações, máquinas e montagem	1	1	0	2
	0,6%	0,5%	0,0%	0,5%
Trabalhadores não qualificados	50	131	30	211
	29,4%	69,3%	71,4%	52,6%
Empresários	3	0	0	3
	1,8%	0,0%	0,0%	0,7%
Militares	0	0	0	0
	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
TOTAL	170	189	42	401
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

QUADRO 9: PROFISSÕES NO PAÍS DE DESTINO

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Fazendo uma análise dos inquiridos segundo a profissão que exercem em Portugal, verifica-se que mais de metade pertencem ao grupo dos Trabalhadores Não Qualificados (52,6%) e, aproximadamente, 1/4 trabalham no grupo dos Serviços e Vendedores (quadro 9). Quando a análise é feita por nacionalidades, nota-se que os ucranianos apresentam uma grande concentração de trabalhadores no grupo dos Não Qualificados (69,3%) logo seguido pelo grupo dos Operários e Artífices. Os guineenses seguem o mesmo padrão dos ucranianos, no entanto, com valores mais elevados nos Trabalhadores Não Qualificados (71,4%). É de salientar o caso dos brasileiros que se destacam pela grande quantidade de população activa no grupo de Pessoal de Serviços e Vendedo-

res (47,6%) vindo depois os pelo grupo dos Trabalhadores Não Qualificados (29,4%).

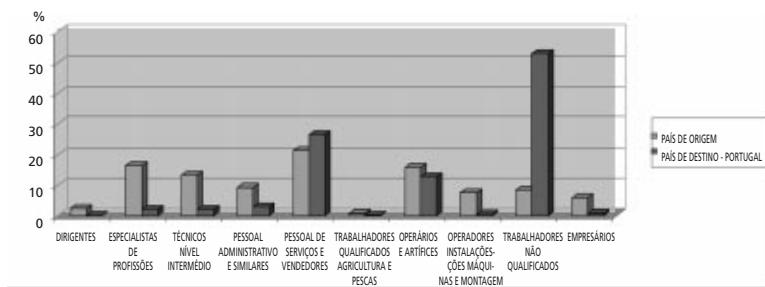


FIGURA 5: **PROFISSÕES EXERCIDAS**

FONTE: INQUÉRITO DA ASI, TRATAMENTO PRÓPRIO

Um dos indicadores disponíveis que exprime a inserção dos imigrantes, na sociedade de acolhimento, é o tipo de profissão que exerce no país de destino comparada com o tipo de profissão que exercia no seu país de origem. Assim, com a entrada dos inquiridos, no mercado de trabalho português, verifica-se um aumento muito acentuado de trabalhadores no grupo profissional dos Não Qualificados logo seguido no grupo do Pessoal dos Serviços e Vendedores (figura 5). Empregadas de limpeza, empregadas domésticas, copeiras, serventes e pedreiros, na construção civil são as profissões com maior quantitativo. Estes resultados devem-se ao aumento do peso do sector da construção e obras públicas e, sobretudo, do comércio, restaurantes e hotéis, em Portugal.

Em termos gerais, pode afirmar-se que a mobilidade profissional descendente é elevada.

- Nenhum inquirido trabalha, em Portugal, no grupo dos Dirigentes. Já no grupo profissional dos Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas, a mudança de país levou a uma quebra muito acentuada de trabalhadores de 91 (15,4%) para 8 (2%);

- Os trabalhadores ucranianos no seu país de origem tinham 23,8% dos inquiridos a trabalharem nos grupos de Dirigentes e Especialistas das

Profissões Intelectuais e Científicas com a entrada em Portugal apenas trabalham 0,5%. Mobilidade profissional descendente elevada;

- A maioria das mudanças profissionais não significará melhoria significativa do estatuto socioprofissional. Apenas 7,3% dos inquiridos eram Trabalhadores Não Qualificados, no seu país de origem, enquanto que, em Portugal, 52,6% dos inquiridos têm esse estatuto;

- Foram os brasileiros que tiveram a menor percentagem de subida de trabalhadores no grupo dos Trabalhadores Não Qualificados 22,3%. Já nas outras nacionalidades essa subida foi superior a 60%.

3. Considerações finais

As exposições acima mostram que os imigrantes inquiridos ocupam, no mercado de trabalho português, o grupo das profissões mais desfavorecidas económica e socialmente, ou seja, nas profissões com piores condições, pior remuneradas e com menor possibilidade de progressão profissional. Nos Estados Unidos da América, estes são denominados por “DDD” *dirty, dangerous, difficult*, ou seja, sujos, perigosos, difíceis e no Japão “5K”, *kitsui, kiken, kitanai, kibishii, kirai*, isto é, pesado, perigoso, sujo, exigente, indesejável.

Verifica-se que, na generalidade da mobilidade profissional intergrupar, os inquiridos são absorvidos pelo grupo dos trabalhadores menos qualificados, nomeadamente, na construção civil, serviços pessoais domésticos e particulares.

Na realidade, os sectores de actividade mais relevantes, para a criação de emprego, são a construção e obras públicas e os serviços de comércio, alojamento e restauração. A construção civil, a hotelaria e restauração são as actividades que, em 2000, apresentaram maiores dificuldades de satisfação de oferta de emprego (Diário da República, 30 de Novembro de 2001, n.º 278).

Esta análise permite referir que Portugal se enquadra numa lógica migratória, que implica o recrutamento de mão-de-obra para desempenhar trabalhos pouco valorizados e não desejados pelos autóctones. A elevada sobre-representação do grupo dos Trabalhadores Não Qualificados tem associado situações de precariedade e de informalidade,

próprias do mercado informal de trabalho, tendo como consequência uma maior vulnerabilidade, em termos salariais, de controlo de trabalho e progressão na carreira. Contudo, face ao nível de escolaridade e experiência profissional que trazem estes imigrantes, principalmente, os ucranianos, dos seus países de origem, pode facilitar eventuais processos de mobilidade profissional ascendente.

Bibliografia

- BAGANHA, Maria Ioannis (1997), *Labour Market and Migration: Economic Opportunities for Immigrants in Portugal*, Coimbra, Faculdade de Economia.
- BAGANHA, Maria Ioannis et al. (1998) *Os movimentos migratórios externos e a sua incidência no mercado de trabalho em Portugal*, Lisboa, Geoideia, Instituto de Emprego e Formação Profissional.
- BAGANHA, Maria (2007) *Dinâmicas Migratórias em Portugal*, Colóquio Globalização, Pobreza e Migrações, Faculdade de Economia Universidade de Coimbra.
- CASTLES, Stephen (2005) *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais*, Fim de Século.
- CRISTÓVÃO, A. et al. (2002) "Novas agriculturas em Portugal – O longo caminho para o desenvolvimento da produção biológica", in: Cavaco, Carminda (coord.) *Repensar Portugal na Europa: perspectivas de um país periférico*, EPRU, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, pp. 138-157.
- FISCHER, Peter A., MARTIN, Reiner, STRAUBHAAR, Tomas (1997), "Should I stay or should I go", in: Hammar, Tomas et al. (eds) *International Migration, Immobility and Development*, Oxford, pp. 49-91.
- FERNANDES, J. L., TOMÁS, P. C., CRAVIDÃO, F. D. (2002), "Portugal e os portugueses na demografia europeia em finais de milénio – uma perspectiva territorial", in: Cavaco, Carminda (coord.) *Repensar Portugal na Europa: perspectivas de um país periférico*, EPRU, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, pp. 78-102.
- FONSECA, Maria Lucinda (2001), "The Geography of recent immigration to Portugal", in: King, Russell et al. (eds) *Geography, Environment and Development in the Mediterranean*, Brighton, Sussex Academic Press, pp. 137-155.
- FONSECA, Maria Lucinda, MALHEIROS, Jorge (2003), "Nouvelle immigration, marché du travail et compétitivité des régions portugaises", *Geographie Economie, Société*, n.º 5, pp. 161-181.
- GARCIA, José Luis (2000), *Portugal Migrante*, Oeiras, Celta Editora.
- MACHADO, Igor (2006), *A imigração brasileira em Portugal*, em 2005, Brasil, São Paulo, Vol. 20, n.º 57.
- MALHEIROS, Jorge (2007), *Imigração Brasileira em Portugal*, ACIDI.
- OLIVEIRA, António (2006), *Dos movimentos populacionais à pendularidade: uma revisão do fenómeno migratório no Brasil*, Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Brasil.
- PADILLA, Beatriz (2005), "Integration of Brazilian immigrants in Portuguese Society: Problems and Possibilities" in *Socius Working Papers*, Lisboa, Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa.

- PATARRA, Neide (2005), Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas, Brasil, São Paulo, Vol. 19, n.º 3.
- PEIXOTO, João (2004), País de imigração ou emigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal, Lisboa, *Socius Working Papers*.
- PEIXOTO, João, FIGUEIREDO, Alexandra (2007), "Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal" in Malheiros, Jorge org., Lisboa, ACIDI.
- PIRES, Rui Pena (2006), A integração socioprofissional dos imigrantes: contexto e desafios, ISCTE.
- RIBAS MATEOS, Natalia (2002), "Women of the South in Southern European cities: a globalized domesticity", in: Fonseca, Maria Lucinda et al. (eds) *Immigration and place in Mediterranean metropolises*, Lisbon, FLAD, pp. 53-66.
- SOARES, Weber (2006), A emigração internacional de brasileiros: componentes da questão migratória, Migrações Internacionais e a Previdência Social, Ministério da Previdência Social, Vol.25, pp. 33-48.
- VIANNA, Carlos (2001), A comunidade Brasileira em Portugal, Janus 2001 – Anuário de Relações Exteriores, Público e Universidade Autónoma de Lisboa.
- WHITE, Paul (2002), "Migration and Mediterranean urban societies: policy contexts and concerns", in: Fonseca, Maria Lucinda et al. (eds) *Immigration and place in Mediterranean metropolises*, Lisbon, FLAD, pp. 13-30.